

João Batista Scalabrini será santo

Alfredo José Gonçalves, CS.*

1 INTRODUÇÃO

Em meados de maio de 2022, o Papa Francisco anunciou que o bispo de Piacenza, João Batista Scalabrini, beatificado em 9 de novembro de 1997, pelo então Papa João Paulo II, será reconhecido pela Igreja como santo. J. B. Scalabrini nasceu em Fino Mornasco, na data de 8 de julho de 1839; e faleceu em Piacenza, na data de 1º de junho de 1905. Talvez devido à intensa santidade de sua vida e obra, o pontífice dispensou inclusive a necessidade de um novo milagre, acelerando dessa forma as cerimônias de santificação. Nos parágrafos que se seguem, procuramos responder a uma pergunta que, provavelmente, passou pela cabeça de não poucas pessoas. Por que o processo de canonização de J. B. Scalabrini, denominado “pai e apóstolo dos migrantes”, ganhou um ritmo mais acelerado? Três olhares se fazem necessários.

2 UM OLHAR À FIGURA DO BISPO DE PIACENZA

Iniciemos, confrontando o contexto histórico de Scalabrini com um exemplo, tirado da literatura, que pode ser oportuno. Em 1939, o escritor estadunidense John Steinbeck, Prêmio Nobel da literatura em 1962, publica sua obra prima *The Grapes of Wrath* (“As Vinhas da Ira”)¹. Trata-se da saga de uma família que, juntamente com milhares de outras, é forçada a deslocar-se da região de Oklahoma em direção à Califórnia, a oeste do Estados Unidos. Na terra de origem, a agricultura familiar dos pequenos produtores é substituída, através de uma progressiva transformação tecnológica, pelo cultivo intensivo e extensivo do algodão a ser usado pela indústria. A consequência é o abandono em massa do campo, um êxodo rural sem precedentes, não somente no “middle east USA”, mas em todo país. Assemelha-se àquilo que ocorre na Europa, durante os séculos XVIII e XIX, devido à Revolução Industrial.

Segundo Peter Gay (2001) e Eric Hobsbawm, ambos historiadores, as migrações constituíram uma das consequências das transformações europeias do século XIX. Peter Gay afirma que, entre a primeira década de 1800 e a primeira década de 1900, venquanto a população de Manchester, Inglaterra, berço da Revolução Industrial, sobe de 70 para 700 mil habitantes por causa do

**Vice-presidente do Serviço Pastoral dos Migrantes – SPM, Coord. Adjunto da Missão Paz e assessor de movimentos populares. E-mail: pe.alfredinho@scalabrini.org*

êxodo rural, cerca de 62 milhões de pessoas deixam o velho continente europeu, cruzam os oceanos rumo às Américas e à Austrália e Nova Zelândia². O mesmo autor concorda com Hobsbawm (2013)³ ao referir-se ao “século do movimento” (XIX) como também de grande aceleração histórica. Utiliza a metáfora do trem: deslocamento geográfico com a descoberta da máquina a vapor (navios, trens, automóveis) e movimentos de pessoas, seja do campo para a cidade, seja de vários países europeus em direção ao ultramar.

Limitando-nos à Península Italiana, entre 1815 e 1915, nada menos do que 25 milhões de pessoas emigraram de seu território. Na década de 1901 a 1910, a média anual de emigrados chegou a 600 mil. O ano de 1913, por sua vez, representa o recorde de saídas: mais de 850 mil pessoas (BRAUDEL, 2017)⁴. Para se ter uma ideia mais exata do volume de semelhantes deslocamentos humanos, especialmente entre Itália e Brasil, vale citar os estudos do Pe. Antonio Perotti, no período em que exerceu a função de diretor do CIEMI (Centre d’Information et d’Études sur les Migrations), em Paris, França). Escreveu ele:

É nesse decênio de transição do Império para a República, em que entrou no Estado de São Paulo uma verdadeira avalanche de italianos, que Pe. Marchetti começou seu apostolado na capital e no interior do estado, percorrendo as fazendas de café. A comunidade italiana no Brasil, acrescida com 554.000 unidades, chegava, em 1901, a 1.110.000 indivíduos, concentrados sobretudo em São Paulo. Em 1897, os italianos constituíam quase a metade da população da cidade: 112.000 sobre 260.000. A cidade de São Paulo viu quadruplicar sua população entre 1890 e 1900: de 64.934, em 1890, para 239.820, em 1900 (PEROTTI, 2004, pp-33-34)⁵.

Convém citar, também, um historiador brasileiro.

A situação europeia deslocou o fluxo emigratório para o sul da Itália. As entradas [no Brasil] ascenderam rapidamente: dos 13 mil, nos anos 1870, passa a 30 mil, só em 1886; em 1887, será de 55 mil; em 1888, da ordem de 133 mil. O total para o último quartel do século ficou acima de 800 mil, sendo quase 600 mil italianos (SODRÉ, 1971, p.251)⁶.

E um pouco mais adiante: “No último decênio do século XIX, a população estrangeira em São Paulo crescerá de 605%; os nacionais eram 770 mil, os estrangeiros, 230 mil. Entre 1887 e 1897, entraram no Brasil 1.300.000 pessoas” (SODRÉ, 1971, p.308).

João Batista Scalabrini move-se nesse universo de rápidas e profundas transformações, marcado intensamente pelo fenômeno migratório. Desde bem cedo, seja como pároco na diocese de Como, seja como formador e bispo na diocese de Piacenza, direcionou sua solicitude pastoral para aqueles que, por causa do trabalho, tinham de deixar sua terra natal por alguns meses. Primeiro, dedicou bom tempo aos carvoeiros que passavam algum tempo nas montanhas

ao norte da Itália; depois, voltou-se para os mondadores de trigo ou feno nas planícies. Eram trabalhadores temporários e/ou sazonais que, para garantir a parca sobrevivência da família, viam-se forçados a ausentar-se por determinado período, ano após ano, como aves de arribação. A carência do calor familiar, do conforto da fé e do solo pátrio repercutia como lacunas que deveriam ser preenchidas.

Posteriormente, à medida que a emigração europeia, em geral, e italiana, em particular, ganham números vultosos e rostos conhecidos, Scalabrini toma em mãos a problemática. Desde um ponto de vista socioeconômico, podemos afirmar que a “questão social” e a “questão migratória” embalarão a atividade pastoral de Scalabrini. Juntamente com outros “santos sociais”⁷ da época, o olhar de Scalabrini confere à Igreja uma nova sensibilidade social que desembocará na Carta Encíclica *Rerum Novarum* – sobre a condição dos operários, publicada em 1891, pelo então Papa Leão XIII.

Convém notar, de passagem, que esse subtítulo da encíclica, em sua intenção, está bem próximo do estudo de Friedrich Engels, na Inglaterra de 1844, sobre a situação dos operários⁸. E ainda de passagem, não custa lembrar que o mesmo Engels, juntamente com Karl Marx, elaborou e publicou o *Manifesto Comunista*, quase meio século antes de *Rerum Novarum*. Aliás, esta, às vezes, vem apelidada de “manifesto comunista da Igreja”. Por sua vez, a frase de abertura da encíclica – “A sede de inovações, que há muito tempo se apoderou das sociedades e as tem numa agitação febril...”⁹ – insere-se à perfeição no contexto em que atuou Scalabrini. Por sua abertura aos desafios do mundo moderno, ao lado dos demais santos sociais, não será exagero afirmar que estão aí os precursores remotos do Concílio Vaticano II.

Retomado o tema das migrações e dos emigrantes italianos, enquanto bispo de Piacenza, Scalabrini começa a solicitar a disponibilidade de sacerdotes e irmãs religiosas para acompanhá-los durante a viagem e nos lugares de chegada. Envia-os primeiramente aos Estados Unidos, depois ao Brasil. Nasce, dessa forma, a Congregação dos Missionários de São Carlos (1887) e a Congregação das Missionárias de São Carlos (1895). Note-se, uma vez mais, que a publicação da *Rerum Novarum* (1891) está justamente a meio caminho entre as fundações da congregação masculina e da feminina. Em outras palavras, a sensibilidade da Igreja para com a “questão social” é simultânea à solicitude pastoral de Scalabrini diante da “questão migratória”.

São como que irmãs gêmeas que nascem do coração do bispo de Piacenza, em sinergia com outras figuras contemporâneas. Também não podemos ignorar que, ademais das duas congregações mencionadas, Scalabrini introduziu na Itália a Obra ou Sociedade San Raffaele¹⁰, instituto formado por leigos que atuavam nos locais de saída e de chegada dos emigrantes e que se manteve ativa nos dois lados do oceano Atlântico: em Gênova, na Itália; em Boston, Providence e New York, nos Estados Unidos. Com razão se diz que o bispo de Piacenza tinha “um coração maior que a diocese”, voltado de forma particular para as trabalhadoras

e trabalhadores em movimento, no sentido de levar-lhes “o sorriso da pátria e o conforto da fé”, ou ainda de “fazer de todo o mundo a pátria da humanidade”. Já debilitado e prestes a chegar ao final da vida, ainda encontra forças para uma viagem aos Estados Unidos e outra ao Brasil, respectivamente em 1901 e 1904, para visitar os emigrantes italianos e seus missionários e missionárias.

3 UM OLHAR ÀS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

3.1 *Vaivém sem tréguas*

Quatro aspectos marcam as migrações contemporâneas, quando comparadas ao que ocorria há mais de um século¹¹. No fenômeno migratório do século XIX, entrando pelas primeiras décadas do XX, no contexto da Revolução Industrial, como ilustramos no tópico anterior, os migrantes tinham origem e destino mais ou menos certo, quase que pré-determinados. Deixaram a terra onde haviam enterrado seus antepassados, mas sabiam relativamente em que porto desembarcariam. Ao desenraizamento nos países do velho continente europeu, seguia-se um novo enraizamento do outro lado do oceano Atlântico. Partida e chegada, digamos assim, tinham hora marcada.

Tanto no embarque quanto no desembarque havia, por vezes, agentes migratórios, até mesmo representantes dos governos de um lado e outro. O ato de deixar a pátria e atravessar as águas do mar adquiria, em não poucos casos, o caráter de uma espécie de “transplante”. Povos, pessoas e grupos eram como que retransplantados. O que não quer dizer, evidentemente, que todos os imigrantes tinham a mesma sorte e estavam predestinados a um sucesso. O objetivo aqui é de chamar a atenção para a tendência de uma migração acentuadamente dirigida, no sentido de encontrar lugar para a população “sobrante” das mudanças socioeconômicas que ocorriam na Europa.

Nas últimas décadas do século XX e primeiras do XXI, cem anos depois daquelas “migrações históricas”, mas diferentemente delas, os deslocamentos humanos de massa não servem mais para ligar, digamos, dois polos de uma travessia. Pelo contrário, os migrantes atuais sabem evidentemente de onde saem, mas ignoram quase por completo onde irão fixar a nova morada. O horizonte se lhes tornou nebuloso, sem contornos definidos. Em lugar de um “transplante” de um lugar a outro, amargam um vaivém sem fim, cruzando fronteira sobre fronteira, batendo de porta em porta. Nessas idas e vindas, a incerteza predomina onde quer que cheguem. Erram pelas estradas dos países com as raízes expostas ao sol, com o sério risco de definharem, secar e perecer. O desenraizamento não vislumbra facilmente onde replantar os sonhos e esperanças interrompidos.

Bastaria constatar, como exemplos dos movimentos mais recentes, as rotas tortuosas – às vezes repetidas à exaustão – dos haitianos, dos afegãos,

dos venezuelanos, e agora dos ucranianos, sem esquecer as “aventuras” dos migrantes que procedem dos países da África subsaariana. Esse vaivém sem tréguas, incerto e inseguro quanto ao desembarque definitivo, constitui o primeiro aspecto das migrações contemporâneas. Também neste caso, em meio à massa errante dos sem raiz e sem rumo, existem indivíduos e famílias que deixam a região ou a pátria com uma trajetória bem desenhada. Conhecem as condições de saída e sabem exatamente onde desembarcar e fixar residência. Estes últimos, porém, constituem cada vez mais a minoria. Tendencialmente, o maior número dos que se aventuram pela estrada caminham às cegas.

3.2 Migração e emprego

O segundo aspecto tem a ver com a questão do trabalho ou emprego. Sempre tendo em vista os deslocamentos do passado, o binômio migração-trabalho caminhava de maneira praticamente inseparável, como vemos no povoamento dos países novos das Américas, bem como em outros movimentos migratórios por toda parte. Tomando como exemplo a história do Brasil, para além dos imigrantes italianos, alemães, espanhóis, poloneses, portugueses, japoneses etc., que aqui se instalaram, vinham orientados a buscar determinado setor do mercado de trabalho. Normalmente, familiares, parentes e amigos lhes haviam precedido e preparado a “cama para se deitarem”.

Vale o mesmo para o imenso número de migrantes internos que, nas décadas de 1940-70, trocaram o Nordeste do país pelo Sudeste ou pelo Centro-oeste. Em São Paulo, Rio de Janeiro ou na construção de Brasília, a nova capital, com frequência, havia alguém de referência e um posto de trabalho à espera. Emprego razoavelmente estável e com carteira assinada. A mão de obra costumava ser absorvida pelo modelo político e econômico do desenvolvimentismo. Novamente aqui, o “conhecimento” de algum familiar, parente ou amigo que migrara anteriormente abria o caminho e as portas para novas aventuras, em boa medida bem-sucedidas.

Nos movimentos migratórios de hoje, internos ou internacionais, esse casamento entre migração e trabalho sofre um profundo divórcio. Em vez de um trabalho mais ou menos garantido, o migrante vai se deparar com as migalhas que caem da mesa do capital. Acaba em geral tropeçando com os serviços mais sujos e pesados, mais perigosos e mal remunerados. O ato de migrar e o de encontrar emprego regular, relativamente legalizado, se dissociam. Salvo em raras e cada vez mais exigentes exceções, os migrantes terminam no mercado informal, quando não recrutados impiedosamente para o crime organizado, para a prostituição precoce, para o tráfico de drogas ou para o trabalho escravo. Cem ou cinquenta anos atrás, a mobilidade humana podia ser considerada como um meio para a mobilidade social *ascendente*.

Migrava-se na tentativa de encontrar um lugar ao sol, coisa que efetivamente ocorria com razoável frequência. Atualmente, é muito comum o deslocamento

levar aos becos sem saída da “clandestinidade”, ou do trabalho autônomo e ambulante – que não é senão uma forma de autoexploração – numa mobilidade social *decadente*. Mas não podemos esquecer que um bom número de migrantes de 50 ou 100 anos atrás ficaram pelo caminho, caindo nas periferias e favelas das grandes metrópoles. Por outro lado, hoje como ontem, alguns conseguem fazer da mobilidade geográfica um caminho para o emprego e a mobilidade social. O número destes bem-sucedidos, contudo, diminui a olhos vistos. A tendência maior conduz ao horizonte sombrio do mercado informal ou do desemprego prolongado.

3.3 Migração temporária e/ou sazonal

O terceiro aspecto refere-se à migração temporária e/ou sazonal, normalmente utilizada para as colheitas agrícolas, grandes obras públicas, trabalho doméstico etc. Décadas atrás, bastava uma temporada no corte da cana-de-açúcar, por exemplo, para que o trabalhador conseguisse ganhar o suficiente para sustentar a família no restante do ano. Alguns meses fora de casa e longe dos parentes, e o “dinheirinho”, ainda que parco e pingado, ia garantindo a permanência no lugar de origem. Migração de resistência, de acordo com alguns estudiosos (PALMEIRA, 1971; LEITE LOPES, 1988; GARCIA JR., 1983; 1989; MENEZES, 1985; MENEZES, COVER, 2018). Migrar temporariamente era uma forma de evitar fazê-lo de forma definitiva. O dinheiro da safra cobria o que o roçado não fornecia. As famílias se equilibravam no fio tênue da ausência temporária do pai ou dos filhos mais velhos, tirando da terra algo para matar a fome. O ganho que vinha do trabalho fora constituía uma espécie de poupança para necessidades especiais.

Atualmente isso se tornou praticamente impossível. Não basta mais uma única safra. Desde algumas décadas, muitos migrantes, depois do corte da cana, passaram à colheita da laranja; outros juntam a colheita do café com a do morango; e outros ainda, como no caso dos peruanos e bolivianos no Chile, casam a safra do tomate com a da oliveira, depois da uva, e assim por diante. Voltando ao Brasil, não poucos trabalhadores e trabalhadoras sazonais, após qualquer tipo de safra agrícola, deslocam-se para o litoral ou para as ruas de grandes cidades, onde trabalham como vendedores ambulantes ou camelôs. Isso significa permanecer longe da família não somente por 5, 6 ou 7 meses, mas quase todo o ano, se quiser dar conta dos gastos para se manter ligado à terra.

Outra alternativa para compensar os ganhos, cada vez mais reduzidos, consiste na ausência temporária de mais de um membro da mesma família. Em semelhantes circunstâncias adversas, a tendência é que, de temporada em temporada, a migração sazonal se converta em migração definitiva para as capitais ou cidades médias, na tentativa de sobreviver nos porões ou periferias mais distantes. O certo é que o trabalho temporário/sazonal, próprio da

produção agrícola, hoje em dia, dispensa boa parte da mão de obra. Sobram trabalhadores, faltam postos de trabalho; equação que, como bem sabemos, leva inevitavelmente à redução dos salários. Salvo determinados serviços especializados, a tendência é o abandono da terra e a migração definitiva para a zona urbana, quando “não há mais chance de arrumar alguma coisa”.

3.4 Protagonismo da mulher

Por fim, mas não em último lugar, o quarto aspecto destaca o protagonismo atual da mulher no processo migratório. Nas antigas migrações, a mulher acompanhava o marido, o pai ou os irmãos. O homem decidia e tomava a frente, a mulher o seguia juntamente com os filhos. As fotografias em preto e branco, nos embarques do passado, mostram bem isso. À mulher compete normalmente olhar pelas crianças, transportar algumas sacolas e pertences menores, enquanto o homem aparece com as malas pesadas e à cabeça do “cortejo”.

Mulheres e crianças figuram como uma espécie de sombra dos homens. Estes últimos é que se responsabilizam pelo empreendimento da mudança e da travessia. Por vezes, partia primeiro o homem – marido ou filho mais velho – para sondar o terreno estranho e desconhecido. Somente então chamava o restante da família, na tentativa de reagrupamento parental. Mas não podemos esquecer, ainda desta vez, que, ao longo da história, sempre houve mulheres que tomaram a si a iniciativa de tentar a vida em outra região ou país, arcando com todo o peso da mudança. Ademais, não poucos pioneiros migram acompanhados de verdadeiras pioneiras.

Nos tempos que correm, torna-se cada vez mais comum ver a mulher tomar a iniciativa de sair, seja na busca de uma carreira profissional mais promissora para si mesma em outra região ou país, seja como mãe, na tentativa de garantir o futuro menos ingrato para os filhos. Estudiosos (PEREIRA, 2012; PERES, BAENINGER, 2012; NOVAES, 2022; ASSIS, KOSMINSKY, 2021); constatam o crescimento das mulheres não apenas nas estatísticas referentes às migrações, mas também e sobretudo no seu protagonismo enquanto tomam sobre si o processo de mudança. Não são poucas as mães solteiras, por vezes abandonadas pelos maridos nas crises mais agudas, que acabam se arriscando à migração. A Venezuela e o Haiti, entre outros países, podem ser bons exemplos desse fenômeno, em que se torna cada vez mais numerosa a presença da mulher (e dos menores desacompanhados) no processo migratório. Presença não como “apêndice” do marido, e, sim, como iniciativa por sua conta e risco próprios. “Troquei de pátria por amor aos meus filhos” – dizia-me uma venezuelana num testemunho comovente. O esforço para conseguir a ração diária do alimento familiar tornara-se cada vez mais penoso e humilhante. Ao mesmo tempo que os produtos diminuía, o preço aumentava. Até que, diante das crianças famintas, a decisão se impôs: trocar a Venezuela pelo Brasil.

Diversos fatores contribuem para reforçar esses quatro aspectos. O primeiro deles, sem dúvida, é o crescimento do número e da intensidade dos conflitos armados em várias partes do planeta, o que gera proporcional crescimento de refugiados ou fugitivos da fome. Guerras e destruição, pobreza e miséria em países como Síria, Venezuela, Iêmen, Afeganistão, Ucrânia, Sudão do Sul, Mianmar, Nigéria, Eritreia, Etiópia, Somália, Haiti, Índia, Bangladesh, Sri Lanka, entre tantos outros, geram multidões de desenraizados. A isso junta-se a ascensão ao poder de governos da extrema-direita populista, os quais tendem a fechar as fronteiras de seus países, aumentando a pressão dos migrantes sobre os limites geográfico-territoriais das nações.

Com tais autoridades, difundem-se também, de forma exponencial, a discriminação e o preconceito, o racismo e a intolerância, a xenofobia e a perseguição aos estrangeiros. Por fim, retrospectivamente, hoje sabemos como a pandemia da Covid-19 escancarou, agravou e deu maior visibilidade ao drama das pessoas em movimento pelas estradas de todo o mundo. Números, rostos, nomes, imagens, histórias, sonhos interrompidos, agressividade e mortes – tudo isso ao vivo e a cores – correram pelas telas e telinhas da televisão, das redes sociais e até do cinema.

4 HERANÇA DE SCALABRINI

Com isso, voltamos a J. B. Scalabrini. Os tópicos anteriores nos convidam a revisitar sua herança como quem visita um tesouro ou um museu vibrante, de forma particular nestas últimas décadas em que assistimos ao aumento dos deslocamentos humanos em massa e do número de pessoas neles envolvidas, tanto como migrantes quanto como refugiados. Duas intuições de Scalabrini, pastor-profeta-protagonista, em especial, podem ser resgatadas como ferramentas de ação no universo da mobilidade humana. A primeira tem a ver com o acompanhamento dos migrantes e das migrações não somente de um ponto de vista religioso e pastoral mas, também, na esfera social e política. O trinômio composto “sócio-político-pastoral” jamais pode ser dissociado. Diante das mudanças apresentadas nos parágrafos anteriores, como ser fiel, contemporaneamente, ao carisma deixado por Scalabrini e aos desafios do nosso tempo? Entra em cena o refrão tão em voga da “fidelidade criativa”. Como ele mesmo dizia, frente às realidades e desafios novos, como vimos nas migrações dos tempos que correm, fazem-se necessários novos organismos e novos métodos de evangelização.

A segunda intuição tem a ver com o trabalho integrado entre a origem e o destino dos migrantes. Ademais de agir, na Itália, para minimizar o sofrimento dos que deixavam a terra que os vira nascer e embarcavam para o outro lado do oceano, providenciou para que, nas Américas, os missionários e missionárias pudessem acolher humanamente os que desembarcavam em solo estrangeiro.

Essa ponte de fé e esperança entre os polos de saída e de chegada torna-se fundamental para os que, com as raízes ao sol, buscam novo enraizamento num chão mais fértil e promissor. Permanece o desafio de recriar, para o contexto atual da migração, as intuições de Scalabrini. O Bem-aventurado, com um século de antecedência, colocava em prática a recomendação da Assembleia Episcopal da América Latina e Caribe, em 2007, sobre “o diálogo e a cooperação” entre as Igrejas de origem e destino dos migrantes” (CELAM, 2007, p.185-187 [411-415])

5 UM OLHAR À FIGURA DE JORGE BERGOGLIO – PRESENÇA PROFÉTICA E EVANGÉLICA

Desde a sua eleição à cátedra de Pedro, em março de 2013, o Papa Francisco revela uma verdadeira solicitude de pastoral para com a causa dos Migrantes, o que, de resto, já traz da periferia de Buenos Aires. Não seria exagero sublinhar que migrações, migrantes e refugiados tornam-se a menina dos olhos de seu pontificado. Nessa perspectiva, convém levar em consideração certas atitudes do pontífice voltadas para a defesa dos direitos de quem, pelos motivos mais diversificados, se encontra fora de sua pátria. Nisso, mostra-se um seguidor inegável do bispo de Piacenza.

De início, basta ter em conta sua presença nos pontos significativos por onde passam os migrantes, espécie de encruzilhadas entre os povos. A primeira visita, em julho de 2013, poucos meses após a tomada de posse, teve como destino a ilha de Lampedusa, extremo sul da Itália. Trata-se de uma passagem relevante da chamada “rota mediterrânea”, uma das que ligam os países da África e do Oriente Médio ao continente europeu. Próximo às águas da ilha, uma embarcação com cerca de 800 migrantes havia afundado, matando quase a totalidade deles. O pontífice deposita nas ondas do mar uma coroa de flores em memória dos que ali tinham interrompido para sempre seus sonhos.

A segunda presença do Papa na rota dos migrantes deu-se por ocasião de sua visita ao México, em fevereiro de 2016. O líder da Igreja Católica concluiu a passagem por aquele país em Ciudad Juárez, uma das cidades mais violentas do mundo, localizada no limite geográfico entre México e Estados Unidos. Ali, o pontífice visita uma prisão da cidade fronteiriça, onde encontra muitos migrantes, em seguida aborda o problema das migrações numa celebração eucarística que reúne fiéis dos dois lados da fronteira. “O fluxo do capital não pode decidir o fluxo das pessoas”, diz o Papa Bergoglio. Ele ainda destinou US\$ 500 mil do “Óbolo de São Pedro” para ajudar migrantes bloqueados da fronteira entre México e Estados Unidos

A terceira visita realizou-se em abril de 2016, data em que o Santo Padre dirigiu-se à ilha grega de Lesbos. Desta vez, tratava-se da chamada “rota balcânica”, na qual a ilha representa uma ligação entre Oriente Médio e Europa. Duas coisas chamam a atenção nessa visita: por uma parte, num campo de

refugiados, o Papa utiliza uma metáfora bem conhecida dos migrantes e dos trabalhadores do mar para falar da migração em massa como um verdadeiro “naufrágio da civilização”. Por outra parte, de volta para Roma, o Papa trouxe consigo 12 refugiados sírios, num gesto de solidariedade que pretendia abrir consciências e portas para a sociedade europeia (PRESSE, 2021)¹², o que vale também para as visitas a Lampedusa (Itália) e fronteira entre México e Estados Unidos, com suas respectivas datas.

Um complemento das visitas têm sido as atitudes concretas do Papa Francisco, seja para com os pobres em geral – “os descartáveis de uma economia que exclui e mata” – seja para com os migrantes e refugiados em particular. “Gestos que valem uma encíclica”, disse um jornalista italiano (VECCHI, 2016) por ocasião do lava-pés dos prisioneiros e da acolhida aos refugiados sírios¹³. Neste caso, comportamentos similares poderiam multiplicar-se às dezenas ou até centenas. Com a presença ou com a voz ao mesmo tempo mansa e firme, Bergoglio sempre tem aparecido com veemência profética nas regiões onde a violência ou a pobreza golpeiam a população, obrigando-a a migrar: Síria, Venezuela, Ucrânia, Afeganistão, Etiópia, e assim por diante. Desnecessário acrescentar que, na formulação do novo “Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano e integral”¹⁴, o Papa colocou sob sua direta responsabilidade o *Setor da mobilidade humana*.

6 CULTURA DO ENCONTRO E DO DIÁLOGO

Por fim, temos seus escritos, pronunciamentos e “conversas” com a população da Praça São Pedro, durante o *Angelus* do domingo. O tema da migração nunca deixa de ocupar lugar significativo nas palavras do pontífice. Todos cabem em seu coração de pastor: os refugiados das guerras, os refugiados climáticos, os migrantes socioeconômicos, os trabalhadores temporários, os desterrados, errantes e descartáveis. Dessa atenção resulta seu duro e implacável julgamento da “globalização da indiferença”, a qual, seguindo seu pensamento, deve ser substituída pela “cultura do encontro, da acolhida, do diálogo e da solidariedade”¹⁵. Não estamos longe do coração de Scalabrini!

Resta, ainda, trazer à público as mensagens do pontífice para a *Jornada Mundial do Migrante*, celebrada sempre no último domingo de setembro, por um lado, e os notórios *quatro verbos* (acolher, proteger, promover, integrar) para a atuação evangélica com os migrantes, por outro. No primeiro caso, como é seu costume, o Papa Francisco sempre se manifesta atento tanto ao método quanto ao conteúdo dos textos. Desde o ponto de vista metodológico, a sua linguagem se caracteriza por um acento popular e mais acessível. Possui o raro dom de ser, ao mesmo tempo, simples e profundo naquilo que transmite. Quanto ao conteúdo, em cada uma de suas mensagens, Bergoglio procura trazer à luz do dia as chagas vivas do universo migratório. Para este ano de 2022, por exemplo,

o tema escolhido é “*Construir o futuro com os migrantes e os refugiados*”¹⁶, no sentido de sublinhar o protagonismo de quem, ao se mover em busca de melhores dias, move igualmente as engrenagens ocultas da própria história. O ato de migrar não deixa de ser uma forma de tornar-se artífice e profeta de um amanhã recriado. Ao mesmo tempo que, na origem, anuncia as condições de extrema pobreza, violência e vulnerabilidade, no destino, anuncia a necessidade de mudanças urgentes nas relações socioeconômicas e políticas internacionais.

Passemos ao esquema dos quatro verbos: *acolher, proteger, promover e integrar*. Eles representam o núcleo da mensagem do Papa Francisco aos participantes do VI Fórum Internacional sobre Migração e Paz¹⁷, ocorrido nos dias 21 e 22 de fevereiro de 2017, em Roma. Promovido pela Rede Scalabriniana de Migração, o Fórum debateu a temática “*Integração e desenvolvimento: da reação à ação*”. Desde então, aqueles quatro verbos figuram como uma espécie de programa para quem trabalha mais diretamente com a Pastoral dos Migrantes ou no universo da Mobilidade Humana.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três itens analisados no decorrer do texto – um olhar à figura do bispo de Piacenza, um olhar às migrações contemporâneas e um olhar à figura de Jorge Bergoglio – quando devidamente combinados, procuram trazer alguma luz sobre a iniciativa de acelerar o processo de canonização do Bem-aventurado J. B. Scalabrini, beatificado em novembro de 1997 pelo Papa João Paulo II, como vimos. Numa síntese de poucas palavras, trata-se de:

- resgatar o testemunho de vida e obra do “pai e apóstolo dos migrantes”, como modelo de santidade;
- alertar as autoridades e organismos internacionais, a sociedade civil, a Igreja e outras entidades para o drama das migrações atuais;
- conferir um vigor renovado e maior impulso à solicitude evangélica, social e política da Pastoral junto aos Migrantes e Refugiados.

NOTAS

¹ STEINBECK, John. **As vinhas da ira**. Rio de Janeiro, Record, 2012.

² GAY, Peter. **Experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud**. 5 volumes. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

³ HOBBSAWM, Eric. **L'età della Rivoluzione**. Milano, Rizzoli, 2013. Dello stesso autore vedasi anche *L'età degli imperi, Il trionfo della Borghesia, Il secolo breve, L'era dei grandi cataclismi*.

⁴ BRAUDEL, Fernand. **Il Mediterraneo – lo spazio, la storia, gli uomini, le tradizioni**. Milano: Ed. Bompiani, 2017.

⁵ PEROTTI, Antonio. **Scalabrini e as migrações no contexto histórico das migrações européias nas Américas**. São Paulo: Max Editora, 2004. Vol. I. Disponível também em: <http://www.scalabriniani.org/wp-content/uploads/2020/12/Perotti_Scalabrini_e_as_Migracoes_Vol_Ia.pdf>.in: Site da Congregação dos Missionários de São Carlos: www.scalabrini.org (Pag. 33-34).

⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1971. 7ª edição.

⁷ Os “santos sociais” da segunda metade do século XIX são, em geral, fundadores e fundadoras de novas Congregações religiosas que, além da preocupação espiritual e comunitária, acrescentam uma dimensão marcadamente apostólica.

⁸ ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Trad. B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas, José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2010.

⁹ A Carta Encíclica *Rerum Novarum* constitui o documento inaugural do *corpus* que forma a Doutrina Social da Igreja. PAPA LEÃO XIII. **Rerum Novarum**. Roma: Biblioteca do Vaticano, 1891.

¹⁰A Sociedade San Raffaele inspirou-se em algo similar ao que já havia na Alemanha, atuando nos lugares de origem e destino dos emigrantes. A mais longeva funcionou até o ano de 1923, em New York.

¹¹ GONÇALVES, Alfredo J. **Um olhar sobre as migrações contemporâneas**. Manuscrito apresentado no Coletivo de Formação do SPM, de 13 a 15 de maio de 2022, Luziânia-GO, com algumas modificações.

¹² PRESSE, France. Papa critica em Lesbos o ‘naufrágio da civilização’ por abandono de migrantes. **G1**, 05/12/2021. < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/12/05/papa-critica-em-lesbos-o-naufragio-da-civilizacao-por-abandono-de-migrantes.ghtml>>. Acesso em: 01 de junho de 2020.

¹³ VECCHI, Gian Guido. Gesti che valgono un’enciclica. **Corriere della Sera**, 17-04-2016. Milano, Itália. .

¹⁴ O organograma da Santa Sé é dividido em *Dicastérios*, de acordo com a área de atuação e sob a direção de um cardeal responsável.

¹⁵ Essa observação, junto com o conceito de “economia que mata”, tem se tornado um refrão nas palavras do Papa Francisco.

¹⁶ FRANCISCO, Papa. **Construir o futuro com os migrantes e os refugiados** (Mensagem do Papa Francisco para o 108º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado – 25 de setembro de 2022). Vaticano: Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana, 2022.

¹⁷ As edições anteriores do Fórum sobre Migração e Paz foram organizadas pelo Scalabrini International Migration Network (SIMN), de New York, USA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, G. de O.; KOSMINSKY, E. V. Gênero e migrações contemporâneas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 695-697, set-dez, 2007. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300012>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- BRAUDEL, F. **Il Mediterraneo** – lo spazio, la storia, gli uomini, le tradizioni. Milano: Ed. Bompiani, 2017.
- CELAM - CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe** - Aparecida, 13-31 de maio de 2007. Documento final (Documento de Aparecida). Aparecida: CELAM, 2007.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Trad. B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas, José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2010.
- FRANCISCO, Papa. **Construir o futuro com os migrantes e os refugiados** (Mensagem do Papa Francisco para o 108º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado – 25 de setembro de 2022). Vaticano: Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana, 2022.
- GARCIA Jr., A. R. **Terra de trabalho**: trabalho familiar de pequenos produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GARCIA Jr., A. R. **O sul**: Caminho do Roçado – Estratégias de Reprodução Camponesa e Transformação Social. São Paulo: Marco Zero; Brasília: CNPq, Editora UNB, 1989.
- GAY, P. **Experiência burguesa**: da Rainha Vitória a Freud. 5 volumes. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- GONÇALVES, A. J. **Um olhar sobre as migrações contemporâneas**. Manuscrito apresentado no Coletivo de Formação do SPM, de 13 a 15 de maio de 2022, Luziânia-GO, com algumas modificações.
- HOBBSAWM, E. **L'età della Rivoluzione**. Milano, Rizzoli, 2013. Dello stesso autore vedasi anche L'età degli imperi, Il trionfo della Borghesia, Il secolo breve, L'era dei grandi cataclismi.
- PAPA LEÃO XIII. **Rerum Novarum** – sobre a condição dos operários. Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana, 1891.
- LEITE LOPES, J. S. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/ Brasília: Marco Zero/ CNPq, 1988.
- MENEZES, M. A. **Da Paraíba prá São Paulo e de São Paulo prá Paraíba** (migração, família e reprodução da força de trabalho). 1985. f.? Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural). UFPB, Campina Grande, 1985.
- MENEZES, M. A.; COVER, M. **Trabalhadores migrantes**: formas de resistência cotidiana. TRAVESSIA – Revista do Migrante – Ano XXXI, Nº 83 - Maio - Agosto / 2018.
- NOVAES, D. T. P. **Filhos, saúde e migração**: mulheres angolanas em São Paulo. São Paulo: CEM, 2022.

PALMEIRA, M. **Latifundium et capitalismo**: lecture critique d'un débat. Thèse – Faculté de Lettres et Sciences Humaines, Paris, 1971

PEREIRA, J. C. A. **O lugar desmanchado, o lugar recriado?** Enredos e desenredos de jovens rurais na migração internacional. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia do IFCH. Campinas: IFCH/Unicamp, 2012.

PERES, R. G.; BAENINGER, R. Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. In: **Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP**, XVIII, 19-23 nov. 2012. Encontro. Águas de Lindóia – São Paulo, 2012.

PEROTTI, A. **Scalabrini e as migrações no contexto histórico das migrações européias nas Américas**. São Paulo: Max Editora, 2004. Vol. I. Disponível também em: <http://www.scalabriniani.org/wp-content/uploads/2020/12/Perotti_Scalabrini_e_as_Migracoes_Vol_Ia.pdf>. in: Site da Congregação dos Missionários de São Carlos: www.scalabrini.org (Pag. 33-34).

PRESSE, F. Papa critica em Lesbos o 'naufrágio da civilização' por abandono de migrantes. **G1**, **05/12/2021**. < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/12/05/papa-critica-em-lesbos-o-naufragio-da-civilizacao-por-abandono-de-migrantes.ghtml>>. **Acesso em: 01 de junho de 2020**.

STEINBECK, J. **As vinhas da ira**. Rio de Janeiro, Record, 2012.

SODRÉ, N. W. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1971. 7ª edição

VECCHI, G. G. Gesti che valgono un'enciclica. **Corriere della Sera**, 17-04-2016. Milano, Itália.

RESUMO

Em meados de maio de 2022, o Papa Francisco anunciou que o bispo de Piacenza, João Batista Scalabrini, beatificado em 9 de novembro de 1997, pelo então Papa João Paulo II, será reconhecido pela Igreja como santo. J. B. Scalabrini nasceu em Fino Mornasco, na data de 8 de julho de 1839; e faleceu em Piacenza, na data de 1º de junho de 1905. Talvez devido à intensa santidade de sua vida e obra, o pontífice dispensou inclusive a necessidade de um novo milagre, acelerando dessa forma as cerimônias de santificação. Neste texto, procuramos responder a uma pergunta que, provavelmente, passou pela cabeça de não poucas pessoas. Por que o processo de canonização de J. B. Scalabrini, denominado “pai e apóstolo dos migrantes”, ganhou um ritmo mais acelerado? Três olhares se fazem necessários.

Palavras-chave: João Batista Scalabrini; migrantes; Papa Francisco.

ABSTRACT

In mid-May 2022, Pope Francis announced that the Bishop of Piacenza, John Baptist Scalabrini, beatified on November 9, 1997, by then Pope John Paul II, will be recognized by the Church as a saint. J. B. Scalabrini was born in Fino Mornasco, on July 8, 1839; and died in Piacenza on June 1, 1905. Perhaps due to the intense sanctity of his life and work, the pontiff even dispensed with the need for a new miracle, thus speeding up the ceremonies of sanctification. In this text, we try to answer a question that probably crossed the minds of many people. Why did the process of canonization of J. B. Scalabrini, called “father and apostle of migrants”, gain a faster pace? Three looks are necessary.

Keywords: João Baptist Scalabrini; migrants; Pope Francis.